ORGANIZADORES
Máximo Lamela (UFRGS)
Mariana Mussetta (UNVM/UNC/Ar)
Tiago Martins de Morais (UDESC)

A PROSA DOCENTE COMO ACONTECIMENTO

modos de *escrever-pensar-fazer* pesquisa em educação

pimenta cultural

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P966

A prosa docente como acontecimento: modos de escrever-pensar-fazer pesquisa em educação / Organização Máximo Lamela, Mariana Mussetta, Tiago Martins de Morais. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-593-0
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-593-0

1. Prosa docente. 2. Formação de professores. 3. Currículo e didática. 4. Escrileitura. 5. Pesquisa-criação. I. Lamela, Máximo (Org.). II. Mussetta, Mariana (Org.). III, Morais, Tiago Martins de (Org.). IV. Título.

CDD 370.71

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação - Formação de professores
Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O

18

Máximo Lamela

PAUL VALÉRY, UMA CARTA E DUAS PALAVRAS-MONSTRO

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-593-0.18

A partir da tradução de uma carta enviada por Paul Valéry a seu amigo, o escritor Pierre Louÿs, em 13 de setembro de 1915, mostra-se, na materialidade dessa escrita, o pensamento vertiginoso da impermanência e da variação, praticado pelo pensador em sua prolífica produção escrita. Na carta, Paul Valéry cria imagens que anunciam a dificuldade de enfrentar, pela linguagem falada e escrita, a ficção teatral da consciência do tempo e, portanto, de si mesmo enquanto um existente que encara o sentimento informe e inefável do existir. A temática se produz como um método de autoanálise que projeta o Eu a uma multiplicidade a rasurar uma possível versão do ego autocentrado.

Apresento uma versão da carta em português, um texto curto que aproxima a leitura ao movimento valéryano do pensar como *implexo*, um intrincado entrelaçamento formado de muitas camadas de fazeres que conjugam corpo, espírito e mundo.

Com a leitura da carta também nos aproximamos um pouco daquilo que poderíamos chamar de uma escritura privada, que se elabora enquanto crítica, e como um método. Seria como adentrar no laboratório particular do escritor e poder ver mais de perto aquilo que o move, as maravilhas produzidas pelas reações ou respostas às emoções do intelecto na relação que cria, pela escrita, com as palavras que lê. Um exercício que busca traçar os lastros que nascem entre sensibilidade e linguagem para, quiçá, conseguir acessar o processo por meio do qual as coisas chegam a ser o que são.

Uma versão da carta foi publicada como texto inédito em uma seleção de textos escolhidos organizada pelo próprio Valéry em 1930 no livro intitulado *Morceaux Choisis*. Na carta, ainda inédita em português em sua versão completa, Paul Valéry cria uma imagem textual que nos faz ver, pela recriação mental da cena, a dificuldade das linguagens para lidar com a ficção, sempre teatral, da consciência de si e do tempo.

SUMÁRIO

O tempo nos obriga, a cada vez, a reconstituir a cena vivida como num teatro, para, só assim, propiciar-nos a possibilidade de apreensão como experiência. Em suma, Valéry apresenta a dificuldade de lidar com a própria existência como variação de multiplicidades. O Eu valéryano se associa à variação e diversidade dos meios e formas de vida com que entra em relação.

Suponho ainda que a temática, apresentada de maneira sintética na carta, é produtora de imagens que me dão matéria para seguir esboçando os caminhos de uma comédia do intelecto, como suscitada por Paul Valéry em *Introduction à la méthode de Léonard de Vinci* (publicação de 1894), quando Valéry tinha 23 anos, e em *Voltaire*, texto derivado do Discurso pronunciado na Sorbonne em 10 de dezembro de 1944, sete meses antes de sua morte aos 73 anos. Este último, um texto de encomenda em comemoração aos 250 anos do nascimento de Voltaire e presente somente na edição de 1950 de *Morceaux Choisis,* uma ampliação da versão de 1930.

Essa comédia do intelecto, ou melhor, o processo de sua realização, funcionaria como um método de autoanálise que projeta o Eu — que pensa, lê, escreve, pinta, desenha, sonha — a uma multiplicidade que rasura a versão do ego autocentrado. O Eu (ego) é tomado como uma variação hesitante no tempo de sua duração e enquanto uma analítica da linguagem desdobrada em pensamento como relação entre corpo, espírito e mundo (CEM), que funciona enquanto um esboço sobre as paixões da inteligência e atenta às existências dedicadas a compreender e a criar. Aos fazeres humanos em escrutínio constante, portanto.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

IMAGENS SEM OBJETOS

Essa carta a Pierre Louÿs, pois existem outras, nos serve como impulso para vislumbrar certa obsessão valéryana, qual seja: o Eu e a linguagem como instrumentos para lidar com a variação dramática dos modos de existir. A partir de sua leitura podemos ser tomados pelo tema da imagem especular duplicada e do Eu em suas diferentes qualidades de insistência e existência.

A imagem, enquanto especular, fascina os humanos. Sempre esteve a nos espantar. Parece-me que ficamos continuamente boquiabertos com os espelhos, as sombras, os objetos da memória, os sonhos, essas imagens atuais e virtuais que nos fatigam e nos confortam. Isso tudo como uma espécie de figuração e matéria do "[...] mito dos mitos, o indefinido dos mitos — o *Tempo*" (Valéry, 2020, p. 57).

Seria no efeito do tempo, no jogo virtual de sua atuação como simultaneidade, que as confortáveis coordenadas cartesianas de espaço-tempo — que se mostram em dois eixos imaginários em que pressupõem representar de modo redutivista a realidade espaço--temporal — se desfazem. Pois, são múltiplos os espaço-tempos virtuais que se abrem numa realidade impregnada de imaginários como os da espécie humana e seus variados tempos cósmicos (Lapoujade, 2004). O humano foi capaz de compor de verdade a mentira "[...] e embora a vida ou a realidade se limite a proliferar no instante [...]" o espírito humano forjou o *Tempo*.

> Toda a história é feita apenas de pensamentos aos quais acrescentamos esse valor essencialmente mítico de que eles representam aquilo que foi. Cada instante cai a cada instante na imaginação, e tão logo se morre, vemo-nos, com a velocidade da luz, reunidos aos centauros e aos anjos... Mas o que digo! Tão logo viramos as costas, tão logo saímos de vista, a opinião faz de nós o que pode! (Valéry, 2020, p. 56).

Paul Valéry é conhecido como poeta, mas, seria mais acertado dizer que ele foi um pensador que fez do conhecer uma poética. Trata-se de um pensador que assume a reflexão sobre a linguagem, a forma, o sentido e o fazer como meio de conhecimento do mundo. Tudo que fez está dimensionado com uma relação íntima sobre a elaboração de uma poética do pensamento. "Suas reflexões sobre o mundo contemporâneo, a crise do espírito e a relação entre filosofia, ciência e técnica marcaram vários pensadores de nosso tempo como Jacques Derrida" (Schuback, 2020, p. 223), além de Benjamin, Blanchot, Barthes, Deleuze e Agamben. Este último, aliás, vale-se dessa mesma carta como "texto capital", em que Valéry põe em jogo o corpo humano e o sujeito da visão a partir de uma experiência com o espaço e o tempo, em que se "quebra a relação necessária entre Eu e olho na qual se funda o subjetivismo" (Agamben, 2015, p. 88).

Essa carta a Pierre Louÿs, que em setembro de 2025 completou 110 anos de existência, insiste como matéria da presença viva de um pensamento que procura performar, pela escrita, o próprio ato de pensar.

Em outra carta, publicada em 1928 como introdução ao livro *Poèmes en prose* de Maurice de Guérin, recentemente publicada no Brasil com tradução de Marcia Schuback e intitulada "Pequena carta sobre os mitos", Valéry afirma que a história se transforma insensivelmente em sonho à medida que se distancia do presente. Há uma espécie de lei absoluta, nos diz Valéry,

> por toda parte, por todo período da civilização, em toda crença, no meio de qualquer disciplina e sob todas as relações, — o falso sustenta o verdadeiro; o verdadeiro se dá o falso como ancestral, como causa, como autor, como origem e fim, sem exceção nem remédio, — e o verdadeiro engendra o falso de onde ele mesmo exige ser engendrado. Toda antiguidade, toda causalidade, todo princípio das coisas são invenções fabulosas e obedecem a leis simples. Que seríamos nós sem a presença do que não existe? Pouca coisa, e nossos espíritos bem desocupados esmoreceriam se as fábulas, os enganos,

> as abstrações, as crenças e os monstros, as hipóteses e os pretensos problemas da metafísica não povoassem nossas profundezas e nossas trevas naturais com seres e imagens sem objetos. Os mitos são as almas de nossas ações e de nossos amores. Não podemos agir senão nos movendo em direção a um fantasma. Não podemos amar senão o que criamos (Valéry, 2020, p. 57).

Com Valéry, nos perguntamos hoje, como humanos: podemos amar aquilo que criamos? Como lidamos, na pesquisa em humanidades e em educação e nas práticas diárias, com a presença do que não existe? Ler Paul Valéry talvez nos faça pensar — sempre um pensamento-tentativa —, como enfrentar a crise de leitura que produzimos daquilo que criamos desde a modernidade, desde o nosso modo de ler e ver a vontade de verdade e de determinação — moderna e ocidental — pela objetificação do mundo.

Poder-se-ia, com essas matérias ou palavras-monstro da carta a Pierre Louÿs, elaborar outra pergunta: quais imagens da modernidade persistem em nós, em nossos fazeres cotidianos e, sobretudo, em nossas relações?

Não se trata, obviamente, de elaborar uma resposta — embora pudéssemos inventariar essas imagens cotidianamente —, mas de permanecer com a pergunta, para perscrutar outros modos de ler e dar a ler, especialmente a partir dos textos que já conhecemos.

Em outro texto datado de 1936, Paul Valéry nos dá a ler o seguinte trecho:

> Filósofos gostam de imagens: não há atividade que mais as exija, ainda que às vezes elas se escondam sob o disfarce de palavras com aparência de muralhas. Os filósofos criaram imagens famosas: um, uma caverna; o outro, um rio sinistro ao qual não se pode retornar nunca; e ainda um outro, um Aquiles correndo ofegante atrás de uma tartaruga inacessível. Os espelhos paralelos, corredores passando de um a outro uma tocha, indo até Nietzsche, com sua águia, sua serpente, seu equilibrista na corda bamba. É todo um material, uma figuração de ideias, que poderia constituir um

> ballet metafísico muito bonito, onde a composição da cena se daria por tantos símbolos famosos (Valéry, 2012, p. 7).

Valéry repetia em seus textos e falas que não era filósofo. Aliás, disse certa vez, em *Pequena carta sobre os mitos*, que não era uma pessoa de grandes luzes; mas acrescentou, sem abrir concessões ao seu modo de pensar, que para as grandes questões basta pouca luz.

Temos aqui mais uma de suas imagens: a era das luzes como a era do humano ofuscado — aquele que já não consegue enxergar, não por estar na penumbra, mas por excesso de iluminação. Talvez por isso, para Valéry,

> filosofar é possível devido à impossibilidade de registrar intuições. Se, quando o pensador fala do ser, etc., pudéssemos ver exatamente o que ele está pensando naquele momento, em vez de filosofia, o que encontraríamos? O que é o *cogito*? se não for, no máximo, a tradução de um estado intraduzível? (Valéry, 1941, p. 188).

Todo o pensamento de Valéry versa sobre esse "em se fazendo" do pensamento — um movimento semelhante ao do lápis no desenho, que vai dando a forma, mas permanece sempre em relação com o informe. Pensar e conhecer, para Paul Valéry, são exercícios constantes de enfrentamento de nossas fábulas interiores, em confronto com a facticidade da vida cotidiana. Trata-se da prosa do viver com fome de linguagem.

"No limite, nada mais há além de *ti*. Tudo é um *tu*: fábula pura" (Valéry, 2020, p. 57).

SUMÁRIO

SUMÁRIO

PAUL VALÉRY EM CARTA A PIERRE LOUŸS

A PIERRE LOUŸS

Sábado XIII Set. 1915

Meu caro Pierre, estou esta manhã (e nos últimos dias) em um estado nervoso ultra-vibratório, o que dificilmente conduz a atos psíquicos ordenados e sustentáveis. Nada demanda mais tempo do que um sistema em galope.

Não consigo ler a tua carta de frente (*en face*). Ela me desperta ideias ao acaso e de todos os lados. É como uma cidade à noite, para *mim nesta manhã*, sem linhas, todas as janelas iluminadas em todos os níveis, andares e distâncias desconhecidas.

E eu respondo do mesmo modo que penso: ao acaso. Duas palavras dessa carta crescem e parecem monstros inexpugnáveis de sonho.

Elas estão como que encarregadas de guardar o sentido. E eu não passo. Acabou. É impossível entrar.

O que são essas palavras-monstro? Uma grande e outra pequena.

A grande se chama SIMULTÂNEO. Eu a percebo na forma de um teclado.

A pequena se chama Eu (*Je ou Moi*). A mais temível ainda.

Eu e Simultâneo são terríveis e, mesmo assim, familiares para mim. Não entrarei em tua carta porque serei antes devorado por elas. E isso é compreensível. Estamos habituados a isso. Elas me devorando, eu sendo devorado por elas.

SUMÁRIO

Posso até te dar uma representação — pelo menos uma para hoje. Imagine um cérebro. Ou melhor, um sistema nervoso (não gosto de cérebros isolados: não acredito neles).

Como não sabemos nada sobre esse sistema, podemos vê-lo como uma miríade de bilhões de... pequenos trabalhadores fabris.

Cada um deles só faz e sabe como fazer o que sempre faz. Aconteça o que acontecer, eles se limitam a fazer seu *métier* ou deixar de fazer sem saber por quê. Além disso, ele [o sistema] não sabe nada — se soubesse alguma coisa, seria o mesmo que supor que ele próprio contém bilhões de outros trabalhadores. E assim por diante.

Assim, essa multidão, que ignora a si mesma, trabalha ou descansa, mas seu trabalho não pertence a ela, nunca retorna a ela. Ela está perdida em algum lugar, em outro "mundo" cuja estranha condição é recíproca à dos trabalhadores das fábricas. Quero dizer que não há nada ali que revele a indústria infinitesimal da qual ela se origina e da qual é tecida.

Vamos deixar esse outro mundo. Vamos voltar ao primeiro.

Estou vendo uma Via Láctea. Em cada astro, uma atividade. Aqui sou forçado a dar um golpe de estado para continuar. Sou obrigado a escolher um astro para poder considerar os outros, a partir dele. Sou obrigado a me colocar em algum lugar —, e, no entanto, não tenho o direito de fazer isso. O rigor obrigar-me-ia a suprimir-me para dar lugar à Minha multiplicidade. Isso é muito difícil.

Aqui estou eu em um desses pontos. O que estou vendo? Certamente não no estado em que se encontram, mas no estado em que estavam.

Eu vejo este Sirius como era no ano X...

Então, o que significa Simultâneo?

SUMÁRIO

O que significa a palavra Presente para um elemento do cérebro ou da medula cujas próprias modificações se transmitem a outro ao longo do tempo? Se eu pudesse pensar sobre a tua carta, acredito que eu diria isso: teu Simultâneo e teu Eu se implicam reciprocamente. Em minha opinião, não existe um eu *simples* — (simplex) — "eu" significa, no mínimo, desdobramento. E se minha sensibilidade fosse mais exercitada, se *eu* me percebesse, ou se *eu* percebesse sem confusão ou amortecimento, não seria um triplo que teríamos, mas uma multitude [*un milliardiplex*], o que seria embaraçoso.

Vou acrescentar uma palavra — ou melhor, uma imagem grosseira — a essas divagações: tu te olhas no espelho, tu gesticulas, tu colocas a língua para fora... Ótimo.

Agora suponha que um deus maligno brinque diminuindo loucamente a velocidade da luz.

Estás a 40 centímetros do espelho. Recebes a tua imagem após 2,666 bilionésimos de segundos. Mas o deus se divertiu tornando o éter mais espesso. E agora tu te vês após 1 minuto, 1 dia, 1 século, *ad libitum*.

Te vês obedecendo com atraso. Compare isso com o que acontece quando procuras uma palavra, um nome "esquecido".

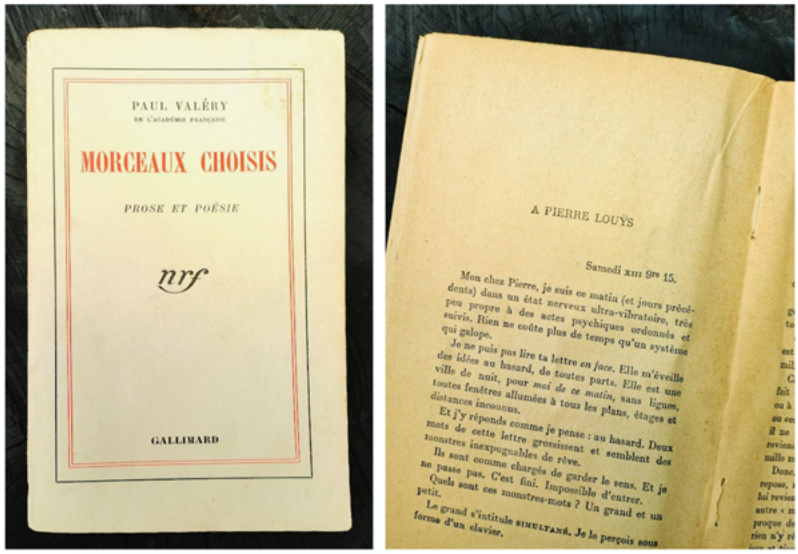
Esse atraso é toda a psicologia, — que poderia ser descrita paradoxalmente como: O que acontece entre algo... e ele mesmo!

Nós éramos essa coisa e não sabíamos. *Agora* sabemos, mas não somos mais.

Seu
P. V.

(Carta inédita)

Figura 1 – Morceaux Choisis



Fonte: elaborado pelo autor (2025).

A PIERRE LOUŸS

Samedi XIII 9re 15.

Mon chez Pierre, je suis ce matin (et jours précédents) dans un état nerveux ultra-vibratoire, très peu propre à des actes psychiques ordonnés et suivis. Rien ne coûte plus de temps qu'un système qui galope.

Je ne puis pas lire ta lettre *en face.* Elle m'éveille des idées au hasard, de toutes parts. Elle est une ville de nuit, pour *moi de ce matin,* sans lignes, toutes fenêtres allumées à tous les plans, étages et distances inconnus.

Et j'y réponds comme je pense : ou hasard. Deux mots de cette lettre grossissent et semblent des monstres inexpugnables de rêve.

Ils sont comme chargés de garder le sens. Et je ne passe pas. C'est fini. Impossible d'entrer.

Quels sont ces monstres-mots ? Un grand et un petit.

Le grand s'intitule SIMULTANÉ. Je le perçois sous forme d'un clavier.

Le petit s'appelle *Je* ou *Moi.* Beaucoup plus redoutable encore.

Je et Simultané me sont épouvantables et pourtant familiers. Je n'entrerai pas dans ta lettre car ils m'auront dévoré d'abord. Et cela est entendu. Nous avons l'habitude. Eux de me dévorer, moi d'être dévoré par eux.

Je puis même te donner cette représentation — du moins celle d'aujourd'hui.

Figure-toi un cerveau. Ou plutôt un système genre système nerveux (Je n'aime pas le cerveau tout seul : je n'y crois pas.)

Comme nous ne savons rien sur ce système, il est permis de le regarder comme une myriade de milliards de… petits industriels distincts.

Chacun d'eux ne fait et ne sait faire que ce qu'il fait toujours. Quoi qu'il arrive, il se borne à faire ou à ne pas faire son unique métier. Et il commence ou cesse de le faire sans savoir pourquoi. D'ailleurs il ne sait rien — s'il savait quelque chose, cela reviendrait à supposer qu'il contient lui-même mille milliards d'autres ouvriers. Et ainsi de suite.

Donc, cette foule qui s'ignore, travaille ou se repose, mais son travail ne lui appartient pas, ne lui revient jamais. Il se perd quelque part, dans un autre « monde » dont l'étrange condition est réciproque de celle des fabricants. Je veux dire que rien n'y révèle l'industrie infinitésimale dont il est issu et tissu.

Laissons cet autre monde. Revenons au premier.

Je vois comme une Voie Lactée. Sur chaque astre une activité. Ici je suis obligé de faire un coup d'État, pour pouvoir continuer. Je suis obligé de choisir un astre pour pouvoir considérer les autres, à partir de lui. Je suis obligé de me placer quelque part — et pourtant je n'en ai pas le droit. La rigueur m'obligerait, elle, à me supprimer pour laisser place à Ma multiplicité. C'est bien difficile.

Me voici sur un de ces points. Qu'est-ce que je vois ? Dans quel état vois-je les autres? — Certainement pas dans l'état où ils *sont*, mais dans l'état où ils étaient.

Je vois ce Sirius tel qu'il fut en l'an X...

Et alors que signifie Simultané ?

Que signifie le mot Présent pour un élément de cerveau ou de moelle dont les modifications propres se transmettent à tel autre moyennant le temps?

Si je pouvais penser à ta lettre, je crois bien que je dirais ceci : Ton Simultané — et ton Je s'impliquent réciproquement. A mon avis il n'y a pas de je *simple* — (simplex) — « Je » signifie au moins dédoublement. Et si ma sensibilité était plus exercée, si *je* me percevais, ou si *je* se percevait sans confusion ni amortissements, ce n'est pas un triples que nous aurions, mais un milliardiplex, d'ailleurs gênant.

J'ajoute un mot — ou plutôt une image grossière à ces divagations : Tu te regardes dans la glace, tu gesticules, tu te tires la langue... Bien.

Suppose maintenant qu'un dieu malin se joue à diminuer follement la vitesse de la lumière.

Tu es à 0 ^{m} 40 de ton miroir. Tu recevais d'abord ton image ou bout de 2,666.. milliardièmes de seconde. Mais le dieu s'est amusé à épaissir l'éther. Et maintenant tu te vois ou bout de 1^{m}, 1 jour, 1 siècle, ad libitum.

Tu te vois t'obéir avec retard. Compare avec ce qui se passe quand tu cherches un mot, un nom « oublié ».

Ce retard c´est toute la psychologie, — que l'on pourait qualifier paradoxalement : Ce qui se passe entre quelque chose... et elle-même !

Nous étions cette chose et ne le savions pas. Nous le savons *maintenant*, mais nous ne la sommes plus.

Ton
P. V.

(*Lettre inédite*)

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O Eu, o olho, a voz. In.: AGAMBEN, Giorgio. **A potência do pensamento**. Ensaios e conferências. Tradução Antônio Guerreiro. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 83-95.

VALÉRY, Paul. Lettre inédite a Pierre Louÿs (1915). In.: VALÉRY, Paul. **Morceaux Choisis**. Prose et poésie. 33ª Ed.Paris: Gallimard, 1930, p.296-299.

VALERY, Paul.; FEITOSA, tradução de Charles. 06. Filosofia da Dança. **O Percevejo Online**, *[S. l.]*, v. 3, n. 2, 2012. DOI: 10.9789/2176-7017.2011.v3i2.%p. Disponível em: https://seer.unirio.br/opercevejoonline/article/view/1915. Acesso em: 11 mar. 2024.

VALÉRY, Paul. **Philosophie de la danse**. 2ª Ed.Paris: Allia, 2015.

VALÉRY, Paul. **A arte de pensar**: ensaios filosóficos. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

LAPOUJADE, María Noel. Los imaginarios en la construcción de la identidad latinoamericana. **RF**, Maracaibo, v. 22, n. 48, p. 72-92,set. 2004.

LAPOUJADE, María Noel. Imaginários de vida na paisagem atual de destruição generalizada. **Intexto**, Porto Alegre, n. 40, p. 152–164, 2017. DOI: 10.19132/1807-8583201740.152-164. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/73248. Acesso em: 26 out. 2022.

SUMÁRIO